



As filósofas do pragmatismo clássico: uma introdução

The women philosophers of classical pragmatism: an introduction

Laura E. Haubert*
eliziahaubert@gmail.com

Recebido em: 04/11/2021.

Aprovado em: 19/01/2022.

Publicado em: 30/06/2022.

Resumo: O renascimento do pragmatismo foi acompanhado por uma série de filósofas feministas que se esforçaram para resgatar do esquecimento as pensadoras que fizeram parte do movimento pragmatista clássico do final do século XIX e primeira metade do século XX. O presente artigo visa introduzir aos leitores de língua portuguesa esse trabalho, a partir de uma breve exposição das pensadoras Jane Addams (1860-1935), Mary Parker Follet (1868-1933), Charlotte Perkins Gilman (1860-1935), Mary Whiton Calkins (1863-1930) e Ella Flagg Young (1845-1918).

Palavras-chave: Charlotte Perkins Gilman. Feminismo. Filosofia feminista. Jane Addams. Pragmatismo.

Abstract: *The revival of pragmatism was accompanied by a number of feminist philosophers who struggled to rescue from obscurity the thinkers who were part of the classic pragmatist movement of the late nineteenth and first half of the twentieth century. The present work aims to introduce this work to Portuguese-speaking readers through a brief presentation by the thinkers Jane Addams (1860-1935), Mary Parker Follet (1868-1933), Charlotte Perkins Gilman (1860-1935), Mary Whiton Calkins (1863-1930), and Ella Flagg Young. (1845-1918).*

Keywords: *Charlotte Perkins Gilman. Feminism. Feminist philosophy. Jane Addams. Pragmatism.*

“Precisamos do passado, cada pedacinho dele, para o bem de todo o nosso futuro. Não podemos nos dar ao luxo de esquecer, embora deva haver muitas coisas que armazenamos até que sejamos capazes de assimilá-las. Precisamos de tudo o que podemos digerir. Para algumas experiências, devemos esperar até que nossa digestão fique mais forte.”

Ella Lyman Cabot

1 Introdução

Pelo menos desde a década de 1990, o pragmatismo experimentou uma espécie de renascimento. Filósofos contemporâneos retomaram as grandes obras clássicas desse movimento, seus métodos e problemas. Surge, então, o neopragmatismo. Vale observar, não obstante, que esse retorno ao pragmatismo foi acompanhado por um número crescente de filósofas e pensadoras feministas que acreditavam encontrar no pragmatismo um



Artigo está licenciado sob forma de uma licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

* Doutoranda em filosofia na Universidade Nacional de Córdoba, Argentina.

método útil ao feminismo,¹ ao mesmo tempo que começaram a questionar onde estavam as mulheres nessa tradição.

A pergunta pela ausência das mulheres nas narrativas principais estava longe de ser descabida, como demonstrou Charlene Haddock Seigfried em seu célebre trabalho de resgate (1991; 1992; 1996).² Um sobrevoos rápido pela história dessa tradição deixa claro que existiram mulheres envolvidas na articulação e no desenvolvimento do pragmatismo tanto no âmbito teórico quanto no âmbito prático, por meio do ativismo. Quase sempre essas mulheres tiveram contato direto com os chamados “pais” do pragmatismo — C. S. Peirce, William James e John Dewey. Eram alunas, colegas de trabalho e amigas. Haviam contribuído e, por vezes, estavam envolvidas em trocas intelectuais diretas com esses homens, porém, raramente existia qualquer referência a essas pensadoras nos livros de história. Era urgente modificar esse cenário, assim escreveu Seigfried (1991, p. 8): “O panteão masculino e branco do pragmatismo precisa ser expandido para incluir as contribuições das mulheres.” Trinta anos depois dessa afirmação, o trabalho ainda está longe de ser concluído.

Essas análises históricas recuperaram do esquecimento o nome de uma série de filósofas e ativistas que deviam ser incluídas, então, em uma nova narrativa da história do pragmatismo. De acordo com Whipps e Lake (2020) e Seigfried (1991), é o caso das pensadoras: Jane Addams (1860-1935), Mary Parker Follet (1868-1933), Charlotte Perkins Gilman (1860-1935), Ella Lyman Cabot (1866-1934), Emily Greene Balch (1867-1961), Kate Gordon (1878-1963), Lucy Sprague Mitchell (1878-1967), Anna Julia Cooper (1858-1954), Mary Whiton Calkins (1863-1930), Ella Flagg Young (1845-1918), Elsie Ripley Clapp (1882-1965) e Alice Chipman Dewey (1858-1927). Todas essas pensadoras e ativistas apresentam, em maior ou menor grau, características da filosofia pragmatista em suas teorias.

Agora, é igualmente importante aclarar, como se pode ver no excerto abaixo, que o clima entre essas filósofas e seus pares masculinos era de aliança em um primeiro momento. De fato, o filósofo John Dewey, por exemplo, apoiou diversas causas femininas, como as lutas pelos direitos das mulheres e do salário-mínimo.³ Dessa forma, o que se necessita, então, parece ser justamente recuperar esse espírito de comunidade que se perdeu na narrativa-mestre vigente.⁴

Nenhum dos pragmatistas fundadores tornou as experiências das mulheres centrais em seu próprio discurso, embora seus exemplos sejam frequentemente tirados de esferas tradicionalmente atribuídas às mulheres, como a família, a educação infantil e (para James, pelo menos) o misticismo. Eles o fizeram de forma explícita, frequente e consistente, incentivando seus alunos a desenvolverem sua própria base experiencial para reflexão e os desencorajando de simplesmente assumir posições filosóficas que

1 Uma breve visão das razões que despertaram o interesse das feministas nessa tradição pode ser esclarecida pela análise de Sullivan (2007, p. 65), onde lê-se: “O pragmatismo é especialmente útil para o feminismo porque, longe de ser uma posição antiteórica que defenda a praticidade de maneira simplista, a filosofia pragmatista enfatiza a relação dinâmica entre teoria e prática e, especialmente, o valor de cada uma para transformar a outra. Ele busca minar outras dicotomias também, incluindo aquelas entre corpo e mente, sujeito e objeto, fins e meios, natureza e cultura, porque tais divisões agudas erradicam as continuidades fluidas da experiência vivida. Vendo o conhecimento como uma ferramenta para enriquecer a experiência, o pragmatismo rejeita a busca pela certeza. Falibilista, pluralista, experimental e naturalista, assume uma atitude meliorista que a ação humana às vezes pode melhorar o mundo.”

Vale ressaltar que na última década pelo menos uma série de trabalhos têm sido dedicados a essa intersecção já que, como salientou James (2017), um estudo mais acurado das duas tradições mostraria a existência de uma intersecção nas práticas metodológicas e na teoria dos dois movimentos, sendo, portanto, complementares. Assim, uma aproximação entre o pragmatismo e o feminismo só poderia ter um resultado proveitoso para ambos os lados envolvidos.

2 Como salientou James (2017), o trabalho desenvolvido por Charlene Haddock Seigfried nesse campo foi pioneiro e fundamental para o desenvolvimento dessa linha. Igualmente importante para o surgimento desses estudos foi a publicação em 1993 de uma edição do consagrado jornal “*Hypatia – A Journal of Feminist Philosophy*” que, em seu volume 8, número 2, dedicou inteiramente as relações entre pragmatismo e feminismo. Essa ainda é uma importante fonte de pesquisa para os interessados no assunto.

3 A respeito da influência que Dewey exerceu no trabalho de várias mulheres, e da influência recebida das mulheres que frequentavam seus círculos recomenda-se a leitura de Cunningham et al (2007).

4 Faz-se necessário ressaltar os apontamentos de Wiit e Shapiro (2020) de que o que está em jogo, quando se tenta reconstruir a história da filosofia de forma feminista, é sempre o presente da filosofia e não o seu passado. Ao reconstruir essa história de forma inclusiva, dando conta das mulheres que ajudaram a construir o pensamento, cria-se um ambiente mais saudável para as mulheres filósofas hoje transformando a autoimagem masculina da filosofia.

eles próprios mantinham. Dewey, especialmente, testemunhou repetidamente que aprendeu com as experiências e pontos de vista das mulheres, e lutou publicamente pelas questões das mulheres, como o direito das mulheres à coeducação, controle de natalidade e um salário-mínimo. As mulheres que estudavam com os pragmatistas tinham autonomia para confiar em suas próprias experiências e desafiar o sistema. Elas geralmente viam os pragmatistas masculinos da primeira geração como aliados contra preconceitos arraigados e práticas institucionais misóginas. Parece que, desde o início, o feminismo e o pragmatismo foram mutuamente transformadores, embora essa relação não tenha sido resgatada adequadamente. (SEIGFRIED, 1996, p.12-13, *nossa tradução*).

Pois bem, essas filósofas pragmatistas, segundo Whipps e Lake (2020), compartilhavam uma série de características teóricas com seus pares masculinos do pragmatismo. De forma geral, elas enfatizam a experiência como forma de conhecimento, a pluralidade, a existência em comunidade democrática, o meliorismo e a superação de toda e qualquer forma de dualismo da filosofia tradicional. Porém, mais do que seus pares, elas favoreciam a prática ante a teoria, levando o pragmatismo à esfera pública de ação. Assim, não surpreende que quase todas essas pensadoras foram também grandes ativistas, seja pelos direitos das mulheres ou em prol de outras causas, como a questão racial ou a paz.

É significativo ter em mente, como esclareceu Seigfried (1996, p. 3) em suas pesquisas, que, “desde o começo, o pragmatismo atraiu as mulheres pensadoras e ativistas que encontraram nele um movimento no qual poderiam trabalhar por uma nova ordem intelectual e social.” Esse anseio por mudanças sociais parece ter seguido uma das guias principais dessas pensadoras. Portanto, abaixo veremos brevemente como seis⁵ delas desenvolveram essa faceta de sua filosofia pragmatista.

2 As filósofas pragmatistas

2.1 Jane Addams (1860-1935)

Laura Jane Addams nasceu em 6 de setembro de 1860, na cidade de Cedarville, Illinois, e faleceu em 21 de maio de 1935, em Chicago. Reconhecida sobretudo por seu trabalho de ativista social e pacifista que lhe rendeu o Nobel da Paz em 1931, foi também uma socióloga, feminista e filósofa.⁶ Fundou, junto com Ellen Gates Starr, a casa de abrigo e atividades sociais chamada *Hull House*, que atendia a população imigrante e carente de Chicago no final do século XIX e princípios do XX. Esse assentamento recebeu também a colaboração de outros filósofos e intelectuais como William James, John Dewey⁷ e George Herbert Mead.

Sua abordagem da filosofia é marcada, segundo Seigfried (2004), por um eixo autobiográfico, contextual, pluralista, experimental e falibilista, trazendo assim os conceitos teóricos do pragmatismo desenvolvidos na epistemologia para a aplicação em uma filosofia social. Addams mostra em sua filosofia que conhecimento e valores, assim como teoria e prática, não podem jamais andar separados. Nesse caso, filosofia e vida estão interligadas e seu lugar de partida é a própria vida ativa.

5 O intuito deste estudo é apresentar aos leitores de língua portuguesa e, com isso, incitar outras investigações a respeito. Desta forma, não se pretende dar conta aqui de todas essas filósofas, embora pareça necessário ter destacado seus nomes para dar dimensão do número de pensadoras que foram deixadas de fora da narrativa historiográfica mais comum.

6 Em seu estudo a respeito da filosofia social de Jane Addams, Maurice Hamington (2009) salientou que existiram diversas razões pelas quais ela teve seu status de filósofa negado por tanto tempo. Esses fatores incluem tanto o gênero, quanto sua associação ao serviço social, quanto ao formato e o público de suas publicações.

7 As relações entre a teoria educacional, social e política de John Dewey em diálogo com a produção e ativismo de Jane Addams foi objeto de investigação de uma série de autores como Seigfried (1999), Leffers (1993) e Fischer (2009) para nomear alguns. Uma discussão pormenorizada das trocas intelectuais e contribuições mútuas de ambos será desenvolvida em outro trabalho.

De fato, como sublinhou Seigfried (2004), essa é uma característica do pensamento de Addams, a defesa de que o método pragmatista poderia ser empregado para lidar com os problemas sociais de seu tempo.⁸ Nesse sentido, ela tenta, mais do que qualquer um dos seus pares masculinos, democratizar o pragmatismo ao trazê-lo para a esfera da vida social cotidiana. Com isso, ela parece levar o pragmatismo às suas últimas consequências.

Na interpretação de Marilyn Fischer (2000, p. 51), a filosofia da ética social de Addams é composta por três eixos. São eles: “que a sociedade está organicamente interconectada; que todas as pessoas são iguais; e que a ação ética deve vir por meio do que ela chama de ‘esforços associados’, ao invés de esforços individuais.” Todas essas características antecipam, já em Addams, traços que depois vão marcar propriamente uma ética feminista.

Aliás, a ênfase profunda que Addams põe tanto no contexto social quanto nas trocas entre pessoas faz com que, segundo Waithe (1995), sua filosofia social pragmatista se coloque na esteira da tradição de pensadoras estadunidenses como Catherine Ward Beecher, que buscavam conciliar a ética filosófica com uma abordagem mais social. Nesse sentido, pode-se ver que um intento recorrente na obra da pensadora era expandir os limites da ética, aplicando-a na vida da sociedade. Aliás, tal como Dewey, Addams terá sempre em mente quando pensa o social que a democracia, mais do que uma forma de governo, é uma forma de vida. Para a filósofa, as mais diversas instituições sociais deveriam dar apoio aos indivíduos para que eles pudessem se desenvolver plenamente, e, assim, todos poderiam viver uma democracia mais plena.

Essa noção de desenvolvimento e progresso social perpassa toda sua filosofia, segundo Hamington (2009), e pode ser entendida como a pedra de toque de suas concepções. Para Adams, o avanço social democrático e autêntico só poderia suceder no que ela chamou de um “progresso lateral”, isto é, um progresso inclusivo. Ou todos avançavam em conjunto, ou a sociedade não estaria efetivamente realizando um progresso.

Esse e outros de seus conceitos pragmatistas são mais bem entrevistados em seu livro considerado de cunho mais filosófico, publicado em 1902, intitulado “*Democracy and Social Ethics*.” Nessa obra, ela oferece *insights* sobre a natureza da ética e da epistemologia, além de realizar uma crítica à ênfase exagerada de seus contemporâneos ao individualismo, à autonomia e às teorias racionais abstratas da moralidade. Para ela, devia-se partir das interações sociais que as pessoas têm umas com as outras para entender a sociedade. Daí que seu principal conceito, segundo Hamington (2009), é o chamado conhecimento solidário, ou conhecimento simpático.

O conceito de conhecimento solidário ou “simpático” é, na interpretação de Hamington (2009), uma mescla da ética com a epistemologia, na medida em que propõe que conhecer os outros vai além do conhecimento proposicional, requer uma troca, e essa troca reforça conexões, potencializando as ações morais, empáticas e afetivas. Nas palavras da própria filósofa:

[...] Afinal, o conhecimento solidário é a única forma de abordagem de qualquer problema humano, e a linha de menor resistência na selva da miséria humana deve sempre ser por aquela região que não é completamente explorada, não apenas pela informação do estatístico, mas por compreensão simpática. (ADDAMS, 1910, p. 70).

No canônico livro de 1902, “*Democracy and Social Ethics*”, escreve a pensadora que somente esse conhecimento simpático com todas as pessoas e o exercício de um temperamento democrático na prática podem garantir a democracia, como se lê no excerto abaixo.

8 De acordo com a interpretação de Spencer (2020, p. 90) essa é uma característica própria do pragmatismo desenvolvido em Chicago em contraposição ao pragmatismo de Harvard que ficava restrito às salas de aula, escreve a esse respeito o comentarista: “[...] os pragmatistas de Chicago enriqueceram o pragmatismo partindo de problemas sociais imediatos raciocinando de baixo para cima e permitindo que sua prática determinasse suas teorias. Eles viviam e serviam suas comunidades. Eles não tinham medo de sujar as mãos, e esse populismo profundo representa o caráter mais ‘Americano’ do pragmatismo.”

Seguir o caminho da moralidade social resulta forçosamente no temperamento, senão na prática do espírito democrático, pois implica essa experiência humana diversificada resultante da simpatia, que são o fundamento e a garantia da democracia. [...] Temos a obrigação moral de escolher nossas experiências. [...] Sabemos instintivamente que se desprezarmos nossos semelhantes e limitarmos conscientemente nossas relações a certos tipos de pessoas que decidimos respeitar anteriormente, não apenas circunscrevem enormemente nosso âmbito de vida, mas limitamos o escopo de nossa ética. (ADDAMS, 1964, p. 9-10).

Vemos no excerto uma defesa do pluralismo pragmatista aplicado à ética e à prática social. Além disso, vemos uma profunda ênfase na comunidade e na interdependência mútua das pessoas. Defesas parecidas com aquelas que foram desenvolvidas por John Dewey, por exemplo, em sua filosofia ética.

Aliás, vale ressaltar aqui, como escreveu Hamington (2009), que Addams não apenas teorizou a respeito, mas viveu esse conhecimento solidário e esse projeto de vida social na prática em seu assentamento da Hull House. Nesse sentido, pode-se ver nas suas ideias éticas uma ética do cuidado que se estende para além do espaço limitado da família, alcançando toda a sociedade. Assim, mais do que uma pensadora pragmatista, ela foi também uma original filósofa feminista.

Essa veia feminista, de acordo com Whaite (1995), se desvela em diversos outros trabalhos, como *The Long Road of Woman's Memory*, de 1916, no qual ela exorta a superação dos mitos sobre as mulheres e defende a luta pela autodeterminação feminina. Igualmente vale destacar *The College Woman and the Family Claim*, de 1898, no qual defende o direito das mulheres à educação universitária.

Também importante ressaltar seus escritos sobre educação, e, principalmente, sobre o pacifismo, já que Addams foi uma pacifista ardente e comprometida, como relatou Shields (2017). Seu ativismo pela paz atraiu ampla atenção durante a Primeira Guerra Mundial quando ela presidiu o Congresso das Mulheres pela Paz na cidade de Haia e foi eleita presidente de uma organização de mulheres pela Paz. Seus escritos pela paz, como *Newer Ideals of Peace*, de 1907, *The Overthrow of the War System*, de 1915, e *Patriotism and Pacifists in War Time*, de 1917, são alguns dos textos mais evidentes de seu compromisso com a paz como dever moral.⁹

Como se pode ver rapidamente, Addams desenvolveu uma série de reflexões nas mais distintas áreas da filosofia e, além disso, viveu profundamente suas crenças teóricas. Segundo Hamington (2009), isso fez com que ela fosse considerada durante muito tempo pouco original, sendo seus escritos não mais do que derivações dos conceitos desenvolvidos por outros pragmatistas como Dewey. Esse cenário mudou drasticamente e, pelo menos desde 1990, uma série de artigos e livros buscaram resgatar a identidade e a originalidade das contribuições filosóficas de Addams.

2.2 Mary Parker Follet (1868-1933)

Assim como Jane Addams, Mary Parker Follet foi uma ativista social e cívica bastante reconhecida, como conta Althas (2005). Ela estudou história, economia e teoria política no anexo de mulheres em Harvard, que viria a se tornar mais tarde o prestigioso *Radcliffe Institute for Advanced Study*.

Uma das poucas biografias disponíveis sobre Follet, escrita por Joan Tonn (1999, p. 174), observa que a pensadora foi responsável por realizar “o primeiro estudo histórico abrangente da evolução do poder político e institucional [...]”, tendo sido considerado na época um dos melhores estudos sobre o assunto. Já em sua tese de doutorado “*The Speaker of the House of Representatives*”, de 1896, que depois foi publicado como livro, ela tratou das estruturas de poder na democracia britânica e estadunidense e os métodos de manipulação.

9 Infelizmente, como também ressaltou Shields (2017), seu ativismo pela paz foi outro elemento que ajudou a marginalizar sua figura, já que sofreu várias condenações e críticas.

Curiosamente, como notou Kaag (2008), não se pode dizer que Mary Parker Follett tenha caído em um completo esquecimento; isso é verdade apenas para o caso da filosofia profissionalizada. Da parte de outras áreas como a administração, não foi raro que existissem referências à figura e aos escritos dessa autora.

Assim como a filósofa anterior, ela também esteve em contato com grandes filósofos de sua época, entre eles Josiah Royce e William James, como evidenciou Whipps e Lake (2020). E tal como muitas das pensadoras pragmatistas, esteve profundamente envolvida com as questões sociais da época, buscando participar ativamente da vida pública de Boston.

Suas maiores contribuições filosóficas, segundo Whipps e Lake (2020), estão no campo da filosofia política, já que ela propôs uma outra forma de democracia que fosse embasada em grupos de vizinhanças locais. De fato, suas ideias sobre uma democracia feita a partir do bairro, foram desenvolvidas graças a seu treinamento em história e política. Assim, ela amplia o repertório filosófico em um tratamento interdisciplinar do problema. Tal como em Addams, vê-se em Follet uma crítica ao individualismo da época e uma insistência nos benefícios da vida em comunidade com objetivos compartilhados por vários indivíduos.

De fato, a ênfase no comum e na democracia é perceptível já no primeiro parágrafo de seu livro *The New State: Group Organization the Solution of Popular Government*, de 1918, que ela publica para continuar sua teoria desenvolvida na sua tese de doutorado. Desse segundo livro lê-se o excerto abaixo:

A nossa vida política está estagnada, o capital e o trabalho estão virtualmente em guerra, as nações da Europa lutam umas contra as outras – porque ainda não aprendemos a viver juntos. O século XX deve encontrar um novo princípio de associação. Filosofia da multidão, governo da multidão, patriotismo da multidão devem acabar. [...] O governo pelo povo deve ser mais do que uma frase. Somos informados – as pessoas devem fazer isso, as pessoas devem fazer aquilo, as pessoas devem receber o controle da política externa etc etc. Mas tudo isso é totalmente inútil, a menos que forneçamos o procedimento dentro do qual as pessoas podem *fazer* isso ou aquilo. O que significa a “vontade soberana” do povo, a menos que se tenha algum meio de operar? Ou temos qualquer “vontade soberana”? Ainda há pouco que seja prático na “política prática”. (FOLLETT, 1998, p. 3-4).

O trecho acima permite entrever várias das características da filosofia pragmatista que Follett emprega em sua filosofia política. Pode-se citar a valorização da vida em comunidade, de uma vida democrática de fato e não apenas como forma abstrata, uma ênfase no fazer, e uma perspectiva meliorista, já que a pensadora aplica a filosofia e a reflexão como ferramenta para tentar solucionar problemas práticos com o intuito de melhorar a qualidade da vida humana.

Infelizmente, um trabalho mais detalhado dos laços pragmatistas de Follet, seja em sua filosofia política, seja em sua relação com outras pragmatistas, como mostrou Kaag (2008), ainda está para ser escrito. Ela não só tinha conhecimento, mas frequentava os círculos pragmatistas, e parece inegável que suas reflexões estão imbuídas do espírito do movimento clássico pragmatista.

2.3 Charlotte Perkins Gilman (1860-1935)

Charlotte Perkins Gilman é mais conhecida por sua carreira de romancista, ensaísta e de reformadora social. Como escreveu James (2007), embora ela não tenha recebido propriamente uma formação filosófica, pode-se argumentar que sua forma de compreensão do indivíduo, sua crença na importância do convívio social e das possibilidades de melhora da vida por meio do esforço humano a colocam em profunda consonância com o pragmatismo.

De fato, como observaram Whipps e Lake (2020), Perkins Gilman fazia parte de um certo contexto pragmatista em Chicago, já que foi amiga durante boa parte de sua vida tanto de Jane Addams — tendo

passado um mês no assentamento da *Hull House* — quanto de John Dewey. Especialmente sua relação com Dewey foi examinada em suas proximidades e diferenças por Upin (1993), que destacou que o pensamento de Perkins Gilman parece estar em consonância com a produção do filósofo de Vermont.

É interessante observar como que, a despeito de sua falta de treinamento filosófico profissional, a pensadora recorre à filosofia, e, em especial, à certa filosofia pragmatista para tentar refletir sobre os problemas sociais e políticos de sua época. Além, claro, de utilizar também os conceitos para pensar questões relacionadas aos direitos das mulheres, já que foi também uma grande ativista da causa.

Conforme elucidou Murphy (1995), a filosofia de Gilman tinha como objetivo principal o avanço da humanidade, isto é, o progresso. Para alcançar esse progresso, ela acreditava na importância do trabalho e do serviço social. Desde sua perspectiva, era necessário que a humanidade fosse guiada para fora do seu sistema atual ego-androcêntrico de relações sexuais econômicas, para um outro tipo de sistema social ginocêntrico, com outra forma econômica e política. Pode-se ver em seus ensaios uma crítica à filosofia e sua autoimagem masculina, à religião, à evolução social, ao suicídio e muitos outros temas.

Aliás, como observou Murphy (1995), a crítica de Perkins Gilman à filosofia androcêntrica é bastante interessante, já que a pensadora defende uma filosofia humana contra essa versão androcêntrica. Para ela, só seria possível uma filosofia humana quando no futuro mulheres fossem igualmente reconhecidas em seus papéis na filosofia, quando existisse uma sociedade livre e saudável. Além disso, sua filosofia humana estava comprometida com o serviço social, o cuidado do outro e a liberdade coletiva, ecoando a ética do cuidado de Addams.

Agora, como se pode observar no excerto abaixo de um dos seus ensaios traduzidos, não parece haver dúvidas de que um certo tom pragmatista reluz em seu projeto filosófico crítico.

A humanidade, assim considerada, não é uma coisa feita ao mesmo tempo e imutável, mas um estágio no desenvolvimento; e ainda está [...] ‘em formação’. Nossa humanidade é vista não tanto no que somos individualmente, mas em nossas relações uns com os outros; e mesmo essa individualidade é apenas o resultado de nossas relações uns com os outros. Está no que fazemos e no como fazemos, ao invés do que somos. Alguns, com inclinações filosóficas, exaltam o ‘ser’ sobre o ‘fazer’. A eles esta pergunta pode ser feita: ‘Você pode mencionar alguma forma de vida que simplesmente é, sem fazer nada?’ (PERKINS GILMAN, 1910 [1914]. p. 16-17).

Como bem notou Seigfried (1992), o excerto acima que faz parte de um ensaio de Perkins Gilman poderia facilmente ser confundido com algum escrito de filósofos pragmatistas masculinos caso não tivesse seu nome junto ao título. A ênfase na ação, a crença da inteligência aplicada na resolução de problemas para melhorar a vida humana e a crença no valor da comunidade frente ao individualismo são algumas das características da filosofia pragmatista que saltam aos olhos do leitor nesse ensaio.

2.4 Mary Whiton Calkins (1863 – 1930)

Mary Whiton Calkins foi uma filósofa e psicóloga de destaque da chamada idade de ouro da filosofia americana, como conta Zedler (1995), tendo estudado com William James e também com Josiah Royce. Além disso, ela foi a primeira mulher a ser eleita presidente da Associação Americana de Filosofia, no ano de 1918, tendo sido eleita anteriormente em 1905 já como presidente da Associação Americana de Psicologia.

Assim como as demais pensadoras citadas, Calkins foi uma árdua defensora dos direitos das mulheres e escreveu vários ensaios, nos quais argumentava que o tratamento diferenciado dos sexos era artificial e ilógico, portanto, deveria ser superado. Essa luta se torna ainda mais significativa se se tem em mente, como conta Rogers e Dykeman (2009), que Calkins nunca chegou a receber oficialmente seu diploma de doutorado, já que na época Harvard tinha políticas rígidas contra a concessão de diplomas a mulheres.

Presentemente, ela ficou conhecida tanto por seu trabalho no campo da filosofia quanto no campo da psicologia. Segundo Rogers e Dykeman (2009), ela ampliou as teorias de James, e foi a responsável por abrir o primeiro laboratório de pesquisa em psicologia da Wellesley College, onde foi professora de grego, filosofia e psicologia. Calkins desenvolveu sua própria filosofia e publicou em muitas áreas, tendo sido grande conhecedora da história da filosofia.

Segundo Whipps e Lake (2020), Calkins é cotada geralmente entre as filósofas pragmatistas mais por sua influência em outras filósofas, já que ela se tornou um símbolo de que era possível viver a vida acadêmica a despeito do gênero e das dificuldades. Para muitos, não obstante, seria mais apropriado cotá-la como uma seguidora e continuadora da filosofia idealista de Josiah Royce.

2.5 Ella Flagg Young (1845 – 1918)

Cotada entre as filósofas pragmatistas, Ella Flagg Young recebeu seu doutorado em educação na Universidade de Chicago, tendo sido aluna de John Dewey. Mais tarde, após completar sua formação, ela foi professora na mesma instituição. Além disso, foi eleita a primeira mulher presidente da Associação Nacional de Educação. Também, assim como as demais pensadoras, foi uma defensora dos direitos das mulheres e uma ativista pelo sufrágio feminino, atuando em várias causas.

Curiosamente, como ressalta Lageman (1996), quando Flagg Young se tornou aluna de Dewey no outono de 1895, ela já tinha 50 anos, e já havia passado mais de 33 anos lecionando nas escolas públicas de Chicago. Em seus escritos, Dewey reconheceu publicamente que o nome de sua Escola Laboratório havia sido sugestão da filósofa, e em cartas pontuou que o trabalho de Flagg Young era uma interpretação original de sua própria teoria.

Desse modo, pode-se ver que boa parcela das contribuições dessa filósofa deu-se no campo da filosofia da educação e da pedagogia. Seu pragmatismo pode ser entrevisto, assim como em Dewey, em suas propostas de ensino. Como bem escreveu Webb e McCarthy (1998), as propostas de Flagg Young eram voltadas para um contexto democrático de ensino e um contexto democrático de administração escolar, ambos se refletem em suas trocas com John Dewey.

Infelizmente, pouca atenção foi dada ainda aos trabalhos dessa pensadora e educadora, porém, como escreveu Rogers (2021, p. 296), não há dúvidas de que ela “estava profundamente envolvida no movimento pragmatista, tanto no nível teórico quanto no nível prático.”

2.6 Ella Lyman Cabot (1866-1934)

A última filósofa a ser abordada nesta breve introdução, embora longe de ser a última filósofa que poderia ser listada como pertencendo à tradição pragmatista clássica, é Ella Lyman Cabot, que, entre os anos de 1887 e 1891, como conta Kaag (2008), frequentou o anexo de *Harvard Radcliffe College* na condição de aluna especial. Segundo o intérprete, os cadernos da filósofa desse período mostram uma profunda troca intelectual com seu professor de sociologia e medicina Richard Cabot, com quem ela se casou em 1894, e também com Josiah Royce e William James, de quem foi aluna. Além disso, assim como as demais pensadoras, foi uma grande defensora dos direitos das mulheres.

Segundo a interpretação de Kaag (2008), o trabalho filosófico de Cabot deve ser abordado do ponto de vista de uma filosofia interpretativa, isto é, aquela filosofia que reforma e retorna os insights do passado para produzir a partir daí. Seus escritos caminham entre os corredores dos movimentos da filosofia estadunidense, cruzando ocasionalmente o corredor do pragmatismo. Ali, ela teria, segundo o intérprete, escrito a respeito de temas que poderiam preocupar James ou Dewey, porém sempre adotando um ponto de vista muito particular que a difere completamente.

Assim, na linha da tradição pragmatista, ressaltaram Whipps e Lake (2020) que as principais contribuições de Cabot estão no campo da ética e da educação, que, como visto anteriormente, foram alguns dos temas que mais ocuparam as filósofas pragmatistas em suas reflexões.

3 Considerações finais

As filósofas aqui brevemente introduzidas são apenas algumas das pensadoras que trabalharam desde uma perspectiva pragmatista. Muitas compartilhavam um profundo interesse por questões éticas, sociais e educacionais. Sendo uma característica marcante no caso das filósofas desse movimento, a filosofia passou sempre da teoria à prática. Pluralistas, melioristas, falibilistas, direcionadas à ação e valorizando a experiência e a comunidade, essas pensadoras são um bom exemplo de como o pragmatismo pode ser expandido. E de como a história desse movimento pode e deve ser reescrita para dar conta de suas histórias.

Por fim, mais do que uma conclusão, parece correto deixar aqui aos leitores deste texto a convocação proposta por Charlene Haddock Seigfried de resgatar as pensadoras que ficaram esquecidas na narrativa tradicional filosófica do pragmatismo, também em língua portuguesa.

Referências

- ADDAMS, Jane. Charity and Social Justice. *The North American Review*, v. 192, n. 656, p. 68-81, jul. 1910.
- ADDAMS, Jane. *Democracy and social ethics*. Edited by Anne Firor Scott. Cambridge: Belknap Press, 1964.
- ALTHANS, Birgit. Jane Addams' and Mary Parker Follett's applied pragmatism: social management and pedagogy. In: TRÖHLER, Daniel; OELKERS, Jürgen (Eds.). *Pragmatism and education*. Rotterdam: Sense Publishers, 2005. p. 95-116.
- CUNNINGHAM, Craig A.; GRANGER, David; MORSE, Jane Fowler; STENGEL, Barbara; WILSON, Terri. Dewey, Women, and Weirdoes: or, the potential rewards for scholars who dialogue across difference. *Education and Culture*, v. 23, n. 2, p. 27-62, 2007. DOI: <https://doi.org/10.1353/eac.0.0002>.
- FISCHER, Marilyn. Jane Addams's Feminist Ethics. In: TOUGAS, Cecile T.; EBENRECK, Sara. *Presenting women philosophers*. Philadelphia: Temple University Press, 2000. p. 51-58.
- FOLLETT, Mary Parker. *The new state: group organization the solution of popular government*. Pennsylvania: The Pennsylvania State University Press, 1998.
- GILMAN, Charlotte Perkins. *The man-made world or, our androcentric culture*. New York: Charlton Company, 1914.
- HAMINGTON, Maurice. *The social philosophy of Jane Addams*. Urbana: University of Illinois Press, 2009.
- JAMES, V. Denise. Feminist Pragmatism. In: GARRY, Ann; KHADER, Serene J.; STONE, Alison. *The Routledge Companion to feminist philosophy*. New York: Routledge, 2017. p.132-143.
- KAAG, John. Women and Forgotten Movements in American Philosophy: The Work of Ella Lyman Cabot and Mary Parker Follet. *Transactions of the Charles S. Peirce Society: A Quarterly Journal in American Philosophy*, v. 44, n. 1, p. 134-157, Winter 2008.
- LAGEMANN, Ellen C. Experimenting with Education: John Dewey and Ella Flagg Young at the University of Chicago. *American Journal of Education*, v. 104, n. 3, p. 17-185, 1996.
- MURPHY, Julien S. Charlotte Perkins Gilman (1860-1935). In: WHAITE, Mary Ellen (Ed.). *A history of women philosophers: Contemporary women philosophers 1900-today*. v. 4. Dordrech, Boston and London: Kluwer Academic Publishers, 1995. p. 51-68.

ROGERS, Dorothy. *Women philosophers: entering Academia in Nineteenth-Century American*. v. 2. London and New York: Bloomsbury Publishing, 2021.

ROGERS, Dorothy; DYKEMAN, Therese. Introduction: Women in the American philosophical tradition 1800-1930. *Hypatia: A Journal of Feminist Philosophy*, v. 19, n.2, p. viii-xxxiv, 1993.

SEIGFRIED, Charlene Haddock. Classical American philosophy's invisible women. *Canadian Review of American Studies*, v. 22, n. 1, p. 83-116, 1992.

SEIGFRIED, Charlene Haddock. *Pragmatism and Feminism: reweaving the social fabric*. Chicago and London: The University of Chicago Press, 1996.

SEIGFRIED, Charlene Haddock. Where are all the pragmatist feminist? *Hypatia: A Journal of Feminist Philosophy*, v. 6, n. 2, p. 1-20, 1991.

SHIELDS, Patricia. *Jane Addams: progressive pioneer of peace, philosophy, sociology, social work and public administration*. Switzerland: Springer, 2017.

SPENCER, A. R. *American Pragmatism: an introduction*. Cambridge, Massachusetts: Polity Press, 2020.

SULLIVAN, Shannon. Pragmatism. In: ALCOFF, Linda Martín; KITTAY, Eva Feder. *The Blackwell guide to feminist philosophy*. Malden, MA: Blackwell Publishing. p. 64-79.

TONN, Joan C. *Mary P. Follett: creating democracy, transforming management*. New Haven & London: Yale University Press, 2003.

UPIN, Jane S. Charlotte Perkins Gilman: Instrumentalism beyond Dewey. *Hypatia: A Journal of Feminist Philosophy*, v. 8, n. 2, p. 38-63, 1993.

WAITHE, Mary Ellen. Jane Addams. In: WHAITE, Mary Ellen (Ed.). *A history of women philosophers: Contemporary women philosophers 1900-today*. v. 4. Dordrech, Boston and London: Kluwer Academic Publishers, 1995. p. 311-313.

WEBB, L. D.; McCarthy, M.C. Ella Flagg Young: Pioneer of Democratic School Administration. *Educational Administration Quarterly*, v. 34, n. 2, p. 223-242, 1998.

WHIPPS, Judy; LAKE, Danielle. Pragmatism feminism. In: ZALTA, Edward N. (Org.). *The Stanford Encyclopedia of Philosophy*. 2020. Disponível em: <https://plato.stanford.edu/entries/femapproach-pragmatism/#Aca>. Acesso em: 14.06.2021.

WITT, Charlotte; SHAPIRO, Lisa. Feminist history of philosophy. In: ZALTA, Edward N. (Org.). *The Stanford Encyclopedia of Philosophy*. 2020. Disponível em: <https://plato.stanford.edu/entries/feminism-femhist/>. Acesso em: 18.05.2021.

ZEDLER, Beatrice G. Mary Whiton Calkins (1863-1930). In: WHAITE, Mary Ellen (Ed.). *A history of women philosophers: Contemporary women philosophers 1900-today*. v. 4. Dordrech, Boston and London: Kluwer Academic Publishers, 1995. p. 103-124.